encontro inesperado

Diogo Nogueira

uma cerveja no inferno

Carla Castiajo
Dylan Silva
Inês Coelho
João Paulo Balsini
Pedro Moreira
Raul Macedo
Susana Chiocca

Performance em sequência de
António Lago

Curadoria Manuel Santos Maia
Textos Maria Brás Ferreira
Design Beatriz Teixeira

26.01 —
14.03.24

A Galeria Graça Brandão apresenta

Encontro Inesperado, exposição individual de Diogo Nogueira e *Uma Cerveja no Inferno*, exposição coletiva com Carla Castiajo, Dylan Silva, Inês Coelho, João Paulo Balsini, Pedro Moreira, Raul Macedo e Susana Chiocca, num projeto curatorial de Manuel Santos Maia.

A exposição é ainda acompanhada pela mostra de publicações de artista na livraria STET; a performance Em Sequência de António Lago e a exibição do filme *É um Outro País* de Manuel Santos Maia, no Cinema Fernando Lopes.

Reunindo pintura, escultura, desenho, filme, publicações de artista e performance, o projeto explora a ideia de uma cidadania polifónica na celebração da liberdade.

A escrita de si, a suspensão das censuras e a interpelação do corpo contribuem para a desmontagem das ideologias dominantes e celebra a experiência imprevista e vital das relações humanas.

O diálogo entre as diversas representações exorta o prazer, as paixões, a potência do ser no "amar", que transcende o particular do humano e se expande a todas as formas de alteridade no horizonte complexo da cultura contemporânea.

Alfabetos para Outra Língua

"Car Je est un autre"
– Arthur Rimbaud

Para os antigos a crise correspondia a um momento de observação, tratando-se do período de tempo em que, após o médico aplicar o bálsamo no paciente, o corpo deste reagia ao curativo, curando-se ou, por outro lado, agravando o estado da doença. A crise é, por definição, um fenómeno localizado, significado e potencializado pelo olhar inteligente de alguém que dela faz experiência e uma análise mínima fundamental. Poderíamos inscrever as duas exposições, *Encontro Inesperado*, de Diogo Nogueira e *Uma Cerveja no Inferno*, com trabalhos de Carla Castiajo, Dylan Silva, Inês Coelho, João Paulo Balsini, Pedro Moreira, Raul Macedo e Susana Chiocca, título emprestado ao poeta adolescente Arthur Rimbaud, com curadoria de Manuel Santos Maia, na cifra da crise, como intervalo de dedicação visual e instante de geração de expectativas sobre um tempo e uma forma por vir. O pensamento sobre o corpo não tem forçosamente de seguir a bifurcação entre, por um lado, uma leitura sobre um devir orgânico-escatológico e, por outro, sobre a imagem esfíngica, parada e polida de símbolos protésicos figurativamente aglutinados ao corpo, assim sublimado. Será mais interessante expor, e perseguir, um pensamento do corpo, registar as suas estratégias de sedução, recolhimento, protecção e nutrição, suas investidas em *lato sensu*. Claro que colocar o corpo, como agente e paisagem - a um só tempo, limite e limiar - na mesa de dissecação, implica a ruptura com o tempo dito normal, aquele ditado pela regra do calendário; pensá-lo, como as heterotopias de Michel Foucault, ao jeito de contestação mítica e real do espaço em que vivemos arremeterá o testemunho do espectador para o avesso de um tempo - o nosso - por conhecer. Talvez por isso Jacques

Rancière tenha falado da *inactualidade* do ser contemporâneo, aquele que precisamente se vê reconhecido no tempo que lhe foge, no tempo que inevitavelmente vai sempre mais à frente. E se do tempo é possível uma apreensão expressiva, é-o enquanto mediação física e actuante de uma passagem. O contemporâneo, o ser que habita o rasto dessa fugacidade: *tempus fugit.* Remeter, pois, o corpo ao corredor estreito e anacrónico de uma inadequação que tanto *pode* agastar quanto *pode* maravilhar: *superar-se.* Se o corpo é o que se supera, o corpo é pois o que é imediatamente coisa outra, pela acção dialéctica da mente a partir da qual o ser - como todo - se distancia do primeiro. De coisa minha, o corpo passa a ser - no vínculo de uma imagem elaborada pela activação dos cinco sentidos que possuímos - coisa outra e, provisoriamente, de outro.

Uma obstinação toponímica sonda esta estrutura diversa, composta por membros, coberta de pele, formada por músculos, ossos, veias, artérias e orgãos por dentro, a que por comodidade - como toda a linguagem de que nos servimos no dia-a-dia - chamamos corpo; sonda que percorre os demais corpos e lugares a que um está associado, perfazendo o uno e singular como acabamento (aqui no duplo sentido do termo) impossível. Pensar o corpo, descrevendo-o, evocando as palavras que a língua para ele arranjou. Ou não terá sido o contrário? O corpo a ditar o nascimento da língua? O lugar (habitável, um corpo) de uma galeria é aquele que, como a repetição exaustiva poeticamente ritualizada num esvaziamento de sentido - de Gertrude Stein, o verso "a rose is a rose is a rose" - possibilita a deslocação das funções normativas das figuras e um regresso ao corpo, dispensando o abrigo estratégico na ausência de forma da carne, que a tudo conferisse a nota triunfal dos começos. Ao invés de circundar uma in-formidade, edificar a forma informe do ensaio artístico. Tanto as pinturas de Diogo Nogueira, na exposição singular, como os trabalhos dos restantes artistas, na exposição colectiva, partem de um âmbito figurativo. Não são exactamente a organização de uma massa informe ou a sublimação de matérias intratáveis. Pelo contrário, o movimento geral é de distorção e desfoque: de pêlos púbicos, sacos de plástico, cerâmica, algodão, lâmpadas, à cama, ao fogo, ao óleo e ao acrílico, uma série de expectativas são instadas a procederem à associação de sentidos normais - já existentes numa figuração particular - com esse outro proposto pela peça de arte em exposição. Daí que se possa falar em crise e distorção. O figurativo corresponde aqui a uma condição conceptual prévia, por oposição a um emprego convencional do gesto artístico que distinguiria no acto criador a missão de coser malhas soltas, enformar rabiscos, diagramar os destinos rudimentares da mão. Sobre a costura pronta, aprontar-se a tecer a *sua* própria costura.

Diogo Nogueira, claro herdeiro de Gauguin e Matisse, enceta um gesto de conciliação entre um cuidado profícuo com as cores, atendendo aos códigos que de uma forma mais ou menos consciente elas suscitam no espectador, e a atenção à forma, cujo primitivismo ou sintetismo - técnica fundada por Gauguin - são desvirtuados em prol de um movimento, esse sim, do tipo fauvista. Neste sentido, as cores aguerridas desmaiam para a sublevação de uma tónica passional dos quadros. A significação e o arrebatamento estéticos por estas pinturas provocados derivam de uma esfera subterrânea do sentido, um passado mais ou menos presente, de onde se pode extrair uma última forma de vida, como se depois da eclosão da civilização, da qual a linguagem dos homens fosse finalmente universal, fundada numa amnésia generalizada: o retorno ao corpo, ao gesto, como meio de comunicação fundamental. Justamente como nos painéis rupestres, nas grutas de Chauvet e Lascaux, mas numa inversão simbólica, não se tratando já da aurora do mundo, mas do sonho que é ainda possível sonhar depois do fim. Um retorno ao natural, mas um natural que não resiste a ceder a determinadas códigos humanos, pelas reminiscências que sobre eles ainda se propiciam. O virtuosismo conseguiu-o o homem que treinou a mão e não há forma de voltar à natureza senão pela edificação de grandes painéis tão totémicos quanto coreográficos, quanto ainda políticos. Assim, da mesma forma que os gestos representados nos trabalhos de Nogueira são simples e remetem para actividades que desde o início dos tempos os homens praticam, há uma intenção - advinda, quem sabe, de um gosto profundo de brincar com as iconografias - de actualizar determinados códigos, torná-los actuais, habitar *este* tempo.

Como uma síntese, ópera, obra total, poderíamos pensar *Uma Cerveja no Inferno* como um bestiário ou um florilégio sobre o corpo: das imagens do sexo - acto e orgão, isto é, como dança erótica, reminiscência de prazer ou peça de um jogo por vir - nos trabalhos de Carla Castiajo e Inês Coelho, à cisão entre um intento decorativo e artístico da primeira artista assim como de Pedro Moreira, à plataforma coreográfica, lírica e profana, da cama, em "Being Fond", de Raul Macedo, ao aproveitamento erótico da distorção quase lasciva das aguarelas de Dylan Silva, relativamente às quais resulta numa combinatória provocante a espessura do óleo de João Paulo Balsini que, da imagem do livro a significar uma cena caseira de dois homens na cama, passa a um retrato retido num anonimato, afinal, libertador, até a "Búzio", de Susana Chiocca, no qual a duplicidade primeiramente identificada a respeito do sexo como acto e orgão ganha uma força particular por encenar movimentos que operam precisamente o diálogo entre a funcionalidade de um corpo que simplesmente vive e a acepção de uma sexualidade iniludível, como máquina de produção de imagens: fantasmas mais ou menos inauditos.

Às duas exposições junta-se a performance de António Lago, *Em Sequência*, na qual o artista oferece a palavra de ordem à desconstrução insidiosa de expressões reguladoras: "na eminência [em vez de "iminência"] do perigo" seguido de "contra ataques [no lugar de "contra-ataque"] de asfixia", por meio da qual o alerta volve forma poética de mobilizar o espectador. O filme *É um outro país*, de Manuel Santos Maia, abre à assinatura de uma nota de esperança que, com certeza, orientou o curador a montar este ciclo artístico múltiplo. É, por isso, uma carta de um *eu* para um *outro* (eu) que se construiu no sentido dos espectros de alteridade que esta programação suscita: espécime metafórico de um *making of*.

No escuro, abrirmo-nos à intermitência de uma luz que brilha, interrogar o espaço que habitamos tendo em vista a compreensão do outro. Fazer do destino um punho levantado, e da morte acontecida uma forma de exigir mais à vida. Com o corpo todo.

DEDICAMOS ESTE PROJETO A MARIA DA GRAÇA CARMONA E COSTA

Agradecimentos:

André Silva, Alice Geirinhas, António Maia, António Vasquez, David Baltazar, Bartolomeu Gusmão, Cátia Sousa, Clube de Desenho, Felícia Teixeira, Filipe Roque do Vale, Inês Teixeira, Israel Matos, Joana Rego, João Gabriel, João Pedro Vale, João Brojo, João Pedro Pinto, João Sousa Cardoso, Leonor Barbosa, Luís Apolinário, Manuel José Damásio, Maria Anjos, Maria João Silva, Michel Bragança, Musa - cerveja independente, Nuno Alexandre, Samuel Rama, Sónia Sousa, Vasco Araújo.

26.01 — 14.03.24

26 de janeiro
Galeria Graça Brandão

18h – Inauguração das exposições

encontro inesperado
exposição individual de
Diogo Nogueira

uma cerveja no inferno
exposição coletiva com
Carla Castiajo
Dylan Silva
Inês Coelho
João Paulo Balsini
Pedro Moreira
Raul Macedo
Susana Chiocca

18h30 – Performance em sequência de António Lago

27 de janeiro
Cinema Fernando Lopes

19h – Apresentação do filme
é um outro país
de Manuel Santos Maia

Conversa com Maria Brás Ferreira
e Ricardo Ramos Gonçalves

17 de fevereiro
Galeria Graça Brandão

16h – STET : Apresentação de publicações de artista
Arcana
António Manso Preto
Beatriz Teixeira
Dylan Silva
Felícia Teixeira e João Brojo
João Sousa Cardoso
Manuel Santos Maia
Rafaela Lima
Raul Macedo
Rui Santos
Susana Chiocca
Teresa Bessa
Yasmine Moradalizadeh
Vicente Mateus

17h – Performance em sequência de António Lago

17h15 – Conversa entre o curador e artistas

Galeria Graça Brandão

S E T

cinema fernando lopes

Rua dos Caetanos 26A
1200-079 Lisboa, Portugal